

## Novas formas de parentalidade: O Mal-Estar do abandono e o amparo na adoção.

*New forms of parenting: The discontent of abandonment and support in adoption.*

Derik Ferreira de Freitas  
Fernanda Pelegrini Marques  
Maria Eduarda Mota Alves  
Andre Fernando Gil Alcon Cabral  
e-mail: [derik.freitas@aluno.imepac.edu.br](mailto:derik.freitas@aluno.imepac.edu.br)

DOI: <https://doi.org/10.47224/revistamaster.v10i19.517>

### Resumo

**INTRODUÇÃO:** Sigmund Freud (1930/2023) teorizou que o ser humano é um ser desejante e incompleto, o que implica que a plena satisfação jamais será alcançada. Ainda assim, essa noção continua a gerar angústias e frustrações, especialmente no contexto das expectativas em torno da constituição familiar. Muitas pessoas depositam na formação da família ideal a esperança de alcançar a felicidade plena, atribuindo aos filhos a função de preencher essa suposta lacuna existencial. Nesse cenário, diante das dificuldades enfrentadas por alguns casais, a adoção surge como uma possibilidade viável para a realização do desejo de ter filhos. No entanto, essa configuração familiar apresenta desafios e responsabilidades que, muitas vezes, despertam sentimentos de angústia e frustração nos envolvidos. **OBJETIVO/METODOLOGIA:** Este estudo, por meio de uma revisão bibliográfica, busca analisar em que medida o abandono e o amparo, no contexto da adoção, influenciam a experiência de mal-estar nas novas formas de constituição familiar. Para isso, foram revisados textos teóricos e estudos empíricos que discutem a adoção sob a ótica psicanalítica e sociocultural, a fim de compreender os impactos emocionais e simbólicos dessa vivência. **RESULTADOS:** Ao reconhecer a família como uma instituição necessária, mas também produtora de mal-estar, propõe-se uma reflexão sobre a desconstrução da idealização familiar. Tanto as famílias adotivas quanto as biológicas compartilham desafios inerentes à estrutura social e civilizacional, sendo essencial compreender as origens desse mal-estar para melhor acolher e elaborar as complexidades afetivas e psíquicas envolvidas na adoção. **Palavras-chave:** adoção; mal-estar; abandono; famílias.

### Abstract

**INTRODUCTION:** Sigmund Freud (1930/2023) theorized that human beings are desiring and incomplete beings, meaning that full satisfaction can never be achieved. Nevertheless, this idea continues to generate anxiety and frustration, especially in the context of expectations surrounding family formation. Many people place their hope for achieving happiness in the ideal family structure, assigning children the role of fulfilling this supposed gap. In this context, adoption becomes a feasible path for couples seeking to have children. However, this "new family model" comes with challenges and responsibilities, often resulting in feelings of anxiety and frustration for those involved. **OBJECTIVE/METHODOLOGY:** This study, through a literature review, aims to analyze how abandonment and support within the context of adoption influence the experience of discomfort in new forms of family structure. The review examined theoretical texts and empirical studies discussing adoption from a psychoanalytic and sociocultural perspective, aiming to understand the emotional and symbolic impacts of this experience. **RESULTS:** By recognizing the family as both a necessary institution and a source of discomfort, this study invites reflection on the deconstruction of the idealized family model. Both adoptive and biological families share inherent challenges within the social and civilizational structure, and understanding the origins of this discomfort is crucial in better supporting and addressing the emotional and psychological complexities involved in adoption. **Keywords:** adoption; unease; abandonment; families.

## 1 INTRODUÇÃO

Mesmo com a caminhada evolutiva da sociedade, o desenvolvimento tecnológico e da ciência, o ser humano ainda não encontrou a plena felicidade. Alguns buscam a felicidade no trabalho, outros em *hobbies*, e outros direcionam suas expectativas à constituição de família. Ao oficializar o casamento, ou seja, a união de duas pessoas, a plena felicidade pode não ser alcançada, uma vez que conforme teorizado por Sigmund Freud (1926/1929), o ser humano nunca estará satisfeito, completo e plenamente feliz. Desse modo, muitos casais atribuem a concepção de filhos como a próxima meta para alcançar a plena satisfação pós casamento, a felicidade e a completude.

Contudo, mesmo com os avanços da medicina, nem todos os indivíduos podem conceber filhos de forma “natural”. Neste ínterim, novas formas de laço social e familiar se tornam factíveis, dentre elas, a adoção. Concomitantemente, muitas pessoas com condições biológicas para a gestação, não desejam a criança-dado os fatores psicológicos, financeiros e outros mais. Procedendo, então, com a entrega da criança aos cuidados de outros ou por ordem jurídica.

A entrega de filhos não é algo que permeia apenas as sociedades contemporâneas, passou por mudanças como a forma jurídica e legal de trabalhar sobre tal demanda. Lembremos da Roda dos Expostos (artefato de madeira fixado ao muro ou janela de hospitais, igrejas e órgãos públicos), com início na Europa e instituída no Brasil em 1734 na Santa Casa de Misericórdia da Bahia, ela tinha a função de receber crianças não desejadas pelas famílias (Filho, 2012).

Com o desenvolvimento da sociedade, novas formas de constituição da família foram possibilitadas e legalizadas, tais como a adoção, respondendo ao desejo do casal e dando direito à criança de crescer em família substituta, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990).

Socialmente a adoção ainda é vista como um tabu. Mesmo com os avanços e descobertas da psicologia sobre o comportamento humano, constituição dos laços sociais, e modos de subjetivação, a sociedade ainda transmite um discurso de que tecer laços de filiação com uma criança que não possui seus genes pode ser um problema no futuro, fonte do mal-estar. Para casais que venceram essas barreiras sociais, a busca passa a ser por crianças menores sem doenças, segundo o Instituto Geração Amanhã (2020). Desse modo, crianças que são colocadas para a adoção após a primeira infância, ou que possuem características físicas que representam as minorias (pessoas pardas e pretas) passam a ser rejeitadas pela maioria dos casais, encontrando no abrigo os cuidados básicos necessários.

Segundo o Sistema Nacional de Adoção (SNA), em fevereiro de 2020, havia cerca de 36,5 mil pretendentes habilitados e disponíveis para a adoção. A maior parte encontra-se nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. A fila é mais demorada porque, das crianças destituídas do poder familiar, 83% têm acima de 10 anos, e apenas 2,7% dos pretendentes aceitam adotar crianças e adolescentes acima dessa faixa etária, assim, esclarece o Conselho Nacional de Justiça (CNJ, 2024). Tais critérios tornam o processo de adoção moroso e complexo, tanto para as famílias que estão dispostas a adotar, quanto para as crianças e adolescentes que buscam um novo lar. As famílias vivenciam a angústia da espera, depositando no sucesso da adoção a realização e o encontro da completude. Já as crianças, também depositam na conquista do novo lar a plenitude e a felicidade.

Contudo, após a efetivação do processo de adoção, as novas famílias podem se deparar com a frustração de não encontrar a plena felicidade por mais de alguns dias. Surgem novas responsabilidades, desafios e desejos. Algumas pessoas passam a depositar sua falta de felicidade plena ao fato de ser adotada, ou a família ao fato de a expectativa de filho ser bem diferente na vida real. Os casais podem achar que a frustração é porque os filhos não são biológicos, não compartilham dos seus genes. Já os filhos, podem depositar a frustração nos novos pais, acreditando que se estivessem com seus pais biológicos, apesar do abandono e rejeição sofridos, seriam mais felizes. Por que as novas formas de parentalidade parecem

despertar o mal-estar na sociedade contemporânea? São as famílias adotivas menos felizes que as biológicas? Se as famílias adotivas são menos felizes, como interpretarmos esse fenômeno segundo a psicanálise?

O presente trabalho buscou, por meio de uma revisão bibliográfica, articular a visão de autores psicanalíticos como Sigmund Freud e Winnicott. Os psicanalistas citados foram fundamentais para compreendermos as funções de maternagem, bem como inscrição da lei, das interdições e da inscrição do laço social.

## 2. METODOLOGIA

### 2.1 Tipo de Estudo

Este estudo é uma revisão bibliográfica, com base na análise conceitual e teórica da obra "O Mal-Estar na Civilização" de Sigmund Freud (1930/2023), complementada por uma investigação sistemática de fontes secundárias relevantes. A revisão foi realizada com o intuito de avaliar as contribuições de Freud e Winnicott sobre os conceitos de adoção, desamparo familiar e o mal-estar nas novas formas de constituição familiar. A análise também envolveu a busca por teorias contemporâneas que abordam essas temáticas, a fim de compreender a relação entre o abandono, o amparo e a constituição familiar na adoção. A abordagem integrada de Freud e Winnicott permitiu uma visão mais ampla das implicações psíquicas e sociais da adoção e da constituição das famílias, em especial na construção das relações familiares e no papel do desejo e da falta.

### 2.2 Questão da Pesquisa

A principal questão investigada neste estudo é: como o abandono e o amparo, no contexto da adoção, influenciam o mal-estar nas novas formas de constituição de família? Esse questionamento se baseia nas ideias de Freud sobre a natureza humana, a busca pela felicidade plena e as dificuldades associadas à constituição de uma família idealizada, e as observações de Winnicott sobre a relação mãe-filho e o desenvolvimento psíquico.

### 2.3 Critérios para Escolha do Material

A pesquisa foi orientada por uma análise das obras de autores pós-freudianos, especialmente Winnicott, além de fontes secundárias que discutem os temas abordados por esses autores. A seleção de material foi focada em textos que tratam do abandono e do amparo na adoção, e das implicações desses fenômenos na constituição das famílias, tanto biológicas quanto adotivas. A revisão bibliográfica incluiu a pesquisa em artigos acadêmicos, livros e publicações contemporâneas, que foram escolhidos por sua relevância e contribuição à compreensão dos conceitos e teorias relacionadas ao objeto de estudo. A análise foi baseada nas obras de Freud (1930/2023), e Winnicott (1947/2020, 1949/2020, 1953/2020, 1957/2020, 1964/2020, 1971/2020 e 1987/2020) e outros autores que abordam de forma teórica as implicações emocionais e sociais da adoção e suas consequências na formação das novas estruturas familiares.

### 2.4 Amostra da Investigação

A busca foi realizada nas bases de dados SCIELO, BVS e LATINDEX. Os critérios de inclusão foram livros e publicações acadêmicas recentes, com ênfase nas publicações em língua portuguesa e inglesa. Foram selecionados obras e capítulos de livros que abordam os temas do abandono, amparo, adoção e mal-estar familiar, com foco nas contribuições teóricas que discutem a psicologia da adoção sob a ótica psicanalítica. A amostra final da pesquisa foi composta por 5 livros relevantes, provenientes de publicações indexadas nas bases mencionadas. A busca inicial resultou em 15 publicações, das quais foram descartadas 10 pela

falta de relevância para o tema, restando 5 publicações para leitura detalhada. Após a avaliação, essas 5 obras foram selecionadas para análise e revisão aprofundada.

### 3. RESULTADO E DISCUSSÃO

#### A família contemporânea

A noção de família passou por muitas transformações e reconfigurações, sendo a atribuição das funções e papéis sociais modificada de tempo em tempos. Roudinesco (2003) cita três grandes períodos na evolução da família. Numa primeira fase, a família dita "tradicional" serve acima de tudo para assegurar a transmissão de patrimônio. Numa segunda fase, a família dita "moderna" torna-se o receptáculo de uma lógica afetiva cujo modelo se impõe entre o final do século XVIII e meados do XX. A partir dos anos 1960, impõe-se a família dita "contemporânea", que une, ao longo de uma duração relativa, dois indivíduos em busca de relações íntimas ou realização sexual.

Abordar o tema família contemporânea é também refletir sobre as transformações do lugar da mulher na família e na dinâmica social como um todo. Dentro do período citado por Roudinesco, é importante ressaltar alguns marcos da história que levaram a família ao resultado atual. No século XX o mundo enfrentou a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), levando homens aos campos de batalha, o que ocasionou mudanças na rotina das famílias. Neste cenário de guerra, a mulher passa a liderar o lar e trabalhar fora para sobreviver. Junto aos eventos bélicos, tivemos, no final do século XIX e início do século XX, a primeira grande onda feminista, momento em que as mulheres lutaram por cidadania, voto, trabalho e educação. Vê-se que os eventos bélicos e a luta feminista, produziram transformações sociais, culturais e econômicas, capazes de modificar, sobretudo, as novas configurações familiares (Roudinesco, 2003).

Aquele modelo de família tradicional, onde o pai era provedor e a mãe cuidadora integral dos filhos e do lar, vai cedendo lugar aos novos arranjos familiares, onde desponta a noção de família recomposta, construída, desconstruída e reconstruída. Vale salientar, que a prática da adoção também acompanha a história da humanidade, sendo assim, passou por várias transformações históricas, políticas e sociais. Ganhou maior visibilidade jurídica e flexibilidade quanto aos adotantes. A adoção é reconhecida como um ato jurídico, mas para a psicanálise o que conta é o desejo, porque é através dele que alguém se torna filho. Na atualidade, as famílias biológicas e adotivas comportam vários modelos:

Homem casado com segunda esposa, existindo filhos de dois relacionamentos; mãe solteira convivendo com os pais, o filho tendo no avô o referencial paterno; mãe separada morando com o filho mais novo, enquanto o pai mora com o mais velho (junto à atual namorada, que também já tem filhos de um relacionamento anterior); casal que mora junto, mas que está separado, ambos mantendo relações extraconjugais que são do conhecimento dos filhos; casal homossexual, em que um dos pares fez operação do órgão genital, havendo "adotado" uma criança etc (Araújo, 2002, p.103).

Independentemente das configurações, existe forte idealização em torno da constituição da família. Mesmo em sua diversidade, as instâncias materna e paterna permanecem no cerne da família como função (Araújo, 2002, p.104). Freud (1908/2008) cita este lugar da família, como civilizatório, lugar que gera interdição das pulsões, assim inibindo atos que ferem a civilização. Compreende-se, de fato, que a família é uma das fontes de "mal-estar" mais necessária ao ser humano:

Em termos bem gerais, nossa civilização está baseada na repressão dos instintos. Cada indivíduo renunciou a um quê do que possuía, à plenitude de seu poder, às tendências agressivas e vingadoras de sua personalidade; dessas contribuições originou-se o patrimônio cultural comum de bens materiais e ideais. Além das

necessidades da vida, foram provavelmente os sentimentos ligados à família, derivados do erotismo, que levaram os indivíduos a essa renúncia. (FREUD, 1908/2008, p. 256-257).

A forma que cada família se compõe é fruto de uma sociedade em constante movimento, que não cessou e nem cessará de passar por transformações. Dentro da psicanálise, a família tem um papel central, especialmente na formação da personalidade e psique do indivíduo.

### **O desamparo original**

Para Freud, a angústia acompanha o ser humano durante toda sua existência, e sua primeira experiência de angústia seria o nascimento. Ele afirma: “No ser humano e nas criaturas a ele aparentadas, o ato do nascimento, sendo a primeira vivência individual da angústia, parece ter dado traços característicos à expressão da angústia” (Freud, 1926/1929). Essa angústia primária, decorrente do nascimento, pode aparecer posteriormente na vida onírica de pacientes adultos.

Winnicott (1964/2020) relata uma experiência clínica onde analisou uma paciente que possuía sonhos angustiantes. Em análise, esses sonhos puderam ser interpretados como a recordação da angústia do parto não natural ao qual havia sido submetida. Sua análise sobre o sonho reforça a opinião de Freud de que o nascimento é a primeira angústia do sujeito, e que uma experiência traumática de parto pode ser ainda mais angustiante, influenciando o indivíduo ao longo de sua vida de forma inconsciente.

A angústia, originada no nascimento, se repete ao longo da vida, conforme a criança enfrenta o seu desamparo originário. Diferente de outras espécies, o ser humano, em seus primeiros anos de vida, é completamente dependente do outro. Por isso, autores como Winnicott (1966/2020) destacam o amparo originário, um conceito relacionado aos cuidados básicos iniciais que a mãe oferece à criança. Esse papel é desempenhado por qualquer sujeito que se disponha a cuidar do bebê, que inicialmente é totalmente dependente e indefeso, independentemente de gênero ou grau de parentesco.

Winnicott (1966/2020) também enfatiza a importância da figura materna no desenvolvimento do sujeito. Segundo ele, as ações maternas impactam diretamente no processo de desenvolvimento e, conseqüentemente, na saúde mental do indivíduo. Ele introduz o conceito de “mãe dedicada comum”, que se refere à função materna que pode ser exercida pela mãe biológica ou por outra figura materna. Para Winnicott, a função é desempenhada independentemente de laços sanguíneos, sendo fundamental para possibilitar que o bebê se desenvolva rumo à independência.

No contexto de Winnicott (1966/2020), a palavra “dedicada” denota que a mãe está empenhada em suprir as necessidades do bebê, permitindo o seu desenvolvimento. A dedicação não implica perfeição, pois os erros da mãe fazem parte do processo de desenvolvimento do bebê, que aprende a lidar com a frustração e a perceber que existe um mundo exterior. Inicialmente, o bebê não distingue entre o que é interno e o que é externo, pois não estabeleceu uma relação objetal. Para ele, a mãe e ele são uma única pessoa.

A palavra “comum” destaca que a mãe não precisa ser extraordinária ou possuir todos os conhecimentos científicos possíveis. A experiência de ser mãe é transmitida através das gerações e se baseia na vivência de ter sido filho e, portanto, dependente. A mãe dedicada comum possui diversas responsabilidades além de suprir as necessidades fisiológicas do bebê; ela também oferece aconchego, carinho, proteção e apoio, aspectos que Winnicott denomina de *holding* (ou “segurar”).

Winnicott (1966/2020) afirma que a forma como o bebê é segurado é crucial para que ele se sinta real e capaz de enfrentar o mundo, além de desenvolver os processos de maturação inatos. “Um bebê a quem seguram bem é muito diferente de outro, cuja experiência de ser segurado não foi muito positiva” (Winnicott, 1967/2020, p.77).

Além de ser adequadamente segurado, o bebê precisa de nutrição, sendo necessário, nos primeiros meses de vida, que a alimentação seja exclusivamente leite. Winnicott reconhece outras formas de amamentação, mas defende que, se possível, a amamentação natural é fundamental, pois, além de suprir uma necessidade fisiológica, é um momento de contato íntimo entre mãe e bebê. Ele vê a amamentação como base para a saúde mental do indivíduo, essencial para o desenvolvimento da criatividade e para a abertura à cultura. "Estas considerações levam-me a ver a amamentação como mais um daqueles fenômenos naturais que se justificam por si mesmos, mesmo quando possam, se necessário, ser ignorados" (Winnicott, 1968/2020, p.28).

Assim, na teoria de Winnicott, a figura materna atua como um ambiente facilitador, onde, por meio da dedicação e do *holding*, o bebê descobre o mundo exterior e inicia o desenvolvimento de seu ego. Esse processo constitui a "base da saúde mental do indivíduo" (Winnicott, 1968/2020, p.20). A identificação da mãe com a dependência do bebê é essencial, pois ela já foi dependente no passado e, portanto, compreende as necessidades do bebê (Winnicott, 1964/2020).

Com o apoio do ego materno, o bebê começa a afirmar sua própria individualidade e a experimentar a identidade pessoal (Winnicott, 1966/2020, p.9). Se o processo de ambiente facilitador for adequadamente realizado, a mãe criará os fundamentos para a força de caráter e a riqueza da personalidade do indivíduo. Com uma base saudável, o indivíduo se torna mais criativo e capaz de utilizar essa criatividade na vida cotidiana. A criatividade, portanto, não está ligada às condições financeiras, mas à saúde mental, que depende de um ambiente facilitador proporcionado pela figura materna (Winnicott, 1968/2020).

Assim, para Winnicott, as experiências vividas pelo bebê, facilitadas pela figura materna, são incorporadas ao indivíduo, formando a sua personalidade. Esse processo é denominado de "integração" (Winnicott, 1966/2020, p.8). "A maturação nos estágios iniciais e, na verdade, ao longo de toda a vida, é muito mais uma questão de integração" (Winnicott, 1964/2020).

As falhas da mãe dedicada comum desempenham um papel importante no processo de reconhecimento do mundo exterior. O bebê passa a perceber que existe algo além de seus desejos e necessidades (Winnicott, 1966/2020).

Freud (1930/2019) destaca a importância da frustração para o desenvolvimento do ego, pois, inicialmente, o bebê não distingue o ego e o objeto (o cuidador). O narcisismo primário é um estado precoce no qual a criança investe toda a sua libido em si mesma: "O narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma" (Freud, 1930/2023).

Entretanto, para que o bebê vivencie erros e falhas da mãe dedicada comum, é necessário que ele tenha uma figura materna que assuma e desempenhe esse papel. Se a criança não tiver a figura materna que desempenha essa função de *holding*, a falta de cuidados básicos e a ausência de um ambiente facilitador podem gerar consequências ao longo da vida do indivíduo (Winnicott, 1964/2020).

A deficiência de integração, ou desintegração, vivenciada pelo bebê que não recebeu os cuidados adequados, pode acompanhar o indivíduo por toda sua existência (Winnicott, 1966/2020).

Em relação às falhas no processo de amamentação, como no caso de crianças adotadas que não foram amamentadas pelo seio, Winnicott observa que isso pode ser um fator perceptível na vida do indivíduo.

A esta altura eu gostaria de ilustrar o modo pelo qual estas questões podem ser importantes num estágio ainda muito inicial. Suponhamos que uma mulher adotou um bebê de seis semanas, e verificou que ele reagia bem ao contato humano, às carícias e a todos os aspectos que envolvem o ato de segurar o bebê e manipulá-lo.

Já às seis semanas, entretanto, a mãe descobriu que o bebê apresentava uma característica derivada de sua experiência anterior. Esta característica só se manifestava nos momentos em que ela o alimentava. Para fazer com que ele se alimentasse, tinha que colocá-lo no assoalho ou sobre uma mesa bem firme; em seguida, sem qualquer espécie de contato físico, era preciso segurar a mamadeira para que o bebê reagisse e começasse a mamar. Este padrão anormal de alimentação persistiu e entrelaçou-se com o tecido da personalidade da criança, deixando muito claro a quem observasse o seu desenvolvimento que a sua experiência muito precoce de alimentação impessoal tivera um resultado, que neste caso não fora bom (Winnicott, 1968/2020, p.23).

O amparo inicial, conforme discutido por Winnicott (1966/2020), é um dos elementos cruciais para o desenvolvimento saudável tanto fisiológico quanto psicológico do indivíduo. Esse suporte, dado pela figura materna, cria as condições necessárias para que o bebê se sinta seguro e possa construir uma base sólida para sua vida emocional. Quando essa função não é devidamente cumprida, as consequências podem perdurar ao longo da vida, refletindo-se na saúde mental e no comportamento do adulto.

Winnicott enfatiza a importância do equilíbrio entre a proximidade e o distanciamento na relação entre mãe (ou figura materna) e bebê. O papel da mãe dedicada comum, seja ela biológica ou não, não é de perfeição, mas de dedicação. A mãe não precisa ser a figura idealizada, mas sim alguém que compreenda e atenda às necessidades básicas do bebê, proporcionando um ambiente seguro e acolhedor. Esse processo envolve erros e falhas, mas são essas imperfeições que ajudam o bebê a reconhecer a realidade do mundo exterior, promovendo a separação do ego e do objeto e auxiliando na maturação do indivíduo.

Portanto, o amparo original, dado ao bebê, é extremamente fundamental para o seu desenvolvimento fisiológico e psicológico, impactando diretamente na qualidade de vida e na saúde psicológica do indivíduo na vida adulta. De acordo com Winnicott (1966/2020, p.10), as formas de prevenção a transtornos psicológicos estão diretamente ligadas à forma como os cuidadores cuidam do bebê, e, conseqüentemente, às experiências vividas pelas pessoas que desempenham a figura materna, o que pode impactar nesse papel.

Winnicott também adverte sobre a importância de não exagerar em certas abordagens. Ele observa que muitos psicanalistas podem gerar excessos ao se aprofundarem em certos termos, o que pode causar danos ainda maiores. Um exemplo disso é o malefício de forçar a amamentação, embora ela seja muito positiva. "Nos casos em que um bebê não possa ser amamentado, existem muitas outras maneiras através das quais as mães podem possibilitar algum tipo de intimidade física" (Winnicott, 1968/2020, p.23).

Além disso, ele defende que as pessoas que irão desempenhar o papel de figura materna não precisam ser ensinadas, mas sim, irão descobrir, dentro da relação com seu bebê, como proceder. O autor ressalta que os profissionais da saúde, incluindo os psicanalistas, devem incentivar essa descoberta e facilitar esse processo, interferindo o mínimo possível na relação e orientando apenas o que é realmente necessário, conforme o momento da mãe. "A orientação que realmente seja necessária deve ser em um momento em que a figura materna esteja em um estado mental que lhe permita recebê-las" (Winnicott, 1966/2020, p.13).

No caso da adoção, quando a criança não teve uma mãe que desempenhou adequadamente o papel de ambiente facilitador, podem surgir consequências em seu comportamento. Contudo, se a família adotiva souber suprir essa falta e começar a desempenhar o papel de maneira adequada, pode-se retomar o processo de maturação do indivíduo e possibilitar o seu desenvolvimento, mesmo que com algumas deficiências. Garcia (2004, p.55) afirma: "Contudo, se a família adotiva conseguir suprir essa falta, e passar

a exercer este papel adequadamente, pode conseguir retomar o processo de maturação do indivíduo e possibilitar o seu desenvolvimento, mesmo que com deficiências."

Entretanto, é essencial que a pessoa que vai desempenhar o papel de figura materna esteja emocionalmente bem. Afinal, "as coisas que ocorrem às pessoas que desempenham a figura materna podem impactar no desempenho adequado do papel" (Winnicott, 1966/2020, p.10). Por isso, os pais adotivos devem exercer o papel de ambiente facilitador para garantir que a criança continue se desenvolvendo em busca da independência emocional e psicológica.

## 5. PARENTALIDADE SOB UMA PERSPECTIVA FREUDIANA

Os escritos freudianos são extremamente ricos e sua teorização sobre o Complexo de Édipo e sobre o Narcisismo pode nos suprir com informações preciosas sobre o processo de constituição da subjetividade, principalmente ao destacar o fator infantil que permanece no psiquismo do adulto.

### 5.1 A construção psíquica

O surgimento de uma criança, sua construção psíquica, e suas necessidades fisiológicas estão sempre em dependência de um outro ser humano responsável, assim, sobreviverá fisicamente e psicologicamente sendo retirada de seu desamparo original, dentro desta expectativa surge a função parental. O termo parentalidade traz vasta contribuição para o entendimento no que tange suprir necessidades, mas o que seria essa em sua essência? Dentro da psicanálise segundo (IACONELLI, 2019) encontramos o termo parentalidade a partir do ano de 1959 com a psicanalista Therese Benedek, em 1960 com o psicanalista francês Paul-Claude Racamier, retornando com força na década de 1980 com René Clement e Serge Lebovici, que apresenta o neologismo parentalidade:

A parentalidade vai além do fator biológico: para se tornar um pai ou uma mãe é preciso ter feito um trabalho interior que começa pela aceitação de que herdamos algo de nossos pais. Não me refiro ao que é genético ou programado, como o apego, e sim àquilo que é relativo à transmissão intergeracional (SERGE LÉBOVICI, 1983, p. 21).

É notório que a parentalidade não se limita ao biológico, assim como cita Lebovici. Dentro desta perspectiva o assunto fica complexo, afinal, o leque se estende ao amplo, saindo do limiar biológico entrando em uma esfera de função, onde a parentalidade e a filiação se constroem no aparato psíquico. Sendo assim é extremamente necessário falar do Complexo de Édipo, termo psicanalítico criado por Sigmund Freud para explicar o vínculo entre mãe, pai e filho. Conceito que se apropria da Mitologia Grega de Sófocles (dramaturgo grego) para ilustrar o périplo da estruturação do sujeito. O mito exemplifica a busca do indivíduo pela sua origem, ou seja, a busca constante por sua história e própria existência.

Dentro do Édipo encontra-se uma tríade (pai-mãe-criança), um desejo incestuoso da criança pela mãe e a interferência do pai nessa relação. Ser pai ou mãe, trata-se de um reencontro com aquilo que cada um recebeu de seus pais. Para tanto observa-se mãe e bebê, a mãe possibilita a libidinização e a função paterna cumpre com a castração de um quadro narcísico, que segundo Freud (1914/1990), é resquício de seu narcisismo infantil renascido no amor objetual. O bebê por sua vez tem a mãe como extensão dele e não um objeto de desejo. A vinculação inicial que tem forte viés dual, agora contará com um terceiro (função paterna) formando a tríade que oportuniza o bebê de ampliar suas relações e se descobrir fora dela (mãe).

O pai cumpre com a função da castração, rompendo a díade, mãe-filho, alargando novas possibilidades à criança. Sendo assim, a função paterna vai além deste pai homem/genitor, tal função pode ser realizada por um pai adotivo, tio, avó, avô, professor dentre outras pessoas. A função pai, detém o objeto desejado, permitindo a falta daquele quadro de perfeição, mas ao mesmo tempo possibilitando a condição humanizante da criança, que sem a castração não conhecerá a falta e, portanto, não há o que criar, não



existe necessidade de ir além. A partir dessa alteração realizada pelo pai “castrador”, o sujeito conhecerá sua capacidade e potencial, somado ao que já estabeleceu da função materna. Mesmo se percebendo incompleto, vai também se descobrindo capaz, como destaca Folberg e Reck (2002, p.97) o indivíduo se percebe incompleto, mas com possibilidades de buscar o que lhe falta, estabelecendo objetivos e perspectivas futuras em termos de um “ideal” a ser perseguido. Isso representa buscar o que lhe falta, estabelecer objetivos e metas, pensar e criar, ou seja, sair do estado de onipotência e indiferenciação.

Freud (1930/1996) escreve: “Não me lembro de nenhuma necessidade da infância tão grande quanto a necessidade da proteção de um pai.” (p.316) o texto que traz a ideia de função e não biológico, não se refere em uma proteção apenas física, mas aquela proteção psíquica, tendo este como representação da lei e dos limites civilizatórios. Ao longo da teoria freudiana, o pai vai se mostrando como uma instância inconsistente, não pacificadora. O amor, no que lhe diz respeito, assume um papel de proteção combatendo a angústia, velando a inconsistência paterna, reprimindo o ódio, o confronto com o desamparo irredutível que nos constitui como seres falantes. O indivíduo promove uma exaltação da imagem do pai, se a função materna em um primeiro momento se revela como aquela que ampara e supre, a função paterna leva o indivíduo a localizar e internalizar a falta, nomeando o vazio do desamparo humano.

Todos esses fenômenos parentais não estão ligados somente a laços sanguíneos ou de determinado sexo, o que a psicanálise apresenta sobre parentalidade são funções a serem cumpridas, garantindo o desenvolvimento físico e psíquico de um bebê que se torna humano a partir do reconhecimento como tal.

## 5.2 Parentalidade Adotiva

Na peça teatral Édipo Rei (427 a.C.), do antigo escritor grego Sófocles e a postulação do complexo de Édipo elaborada por Freud, encontra-se um desses pontos indispensáveis para compreender as relações familiares (pai, mãe e filho). O mito Édipo Rei, ainda levanta discussões importantes sobre as dinâmicas familiares e os conflitos psicológicos dos personagens, conforme destacado por Araújo (2024). Dentro do que o mito apresenta é importante refletir sobre a verdade que Édipo procurava e sobre o “não-dito”.

Em 2009 no interior de São Paulo, aconteceu um caso interessante que chamou a atenção de uma pedagoga, que percebeu a dificuldade de uma criança de 5 anos na investigação e narrativa do nascimento dos filhotes de uma galinha criada nas dependências da escola. Ao registrar todos os momentos importantes e elaborar uma atividade que trazia o nome “Eu Nasci”, mostrando a origem dos animais e a origem de cada integrante da sala, a criança disse para a professora que nunca tinha visto uma foto dele na barriga da mãe e nem mamando no peito. Ao chegar em casa, a criança foi à casa de uma vizinha, que morava ao lado, lá ele percebeu várias fotos da gestação da vizinha e viu que a bebê mamava no peito. Ao retornar para casa, iniciou um questionamento sobre a sua origem. A mãe muito angustiada foi olhar a agenda escolar e lá encontrou um bilhete que dizia: “Querida família, precisamos conversar sobre as dúvidas de João, ele apresentou um comportamento desconfortável ao falar sobre filhotes e família”. De repente a campainha tocou, era a vizinha querendo conversar sobre as dúvidas que a criança apresentou ao observar as fotos em seu aparador. A mãe em lágrimas disse à vizinha: “como vou falar sobre a origem de João?” A vizinha sem entender, mas já deduzindo disse: “a verdade, somente a verdade”. A mãe um pouco mais calma, mas ainda em lágrimas falou: “ele é adotado”. A partir do ocorrido, terapeutas e educadores ajudaram a família na elaboração das narrativas de vida desta criança, que precisou entender seu lugar de desejo para a família adotiva. Hoje com quase 20 anos, ainda questiona: “mãe, será que sou parecido com o meu pai biológico?” Até então só tinha conhecimento dos irmãos e da genitora. O fato ocorrido na escola e no seio dessa família, acabou de certa forma mexendo com todos os envolvidos, que começaram a contar uns aos outros de suas origens, se emocionarem ao encontrarem algumas respostas sobre fatos familiares e histórias não contadas.

Falar de adoção é, de certa forma, falar de nossa história, pois, afinal, todos somos adotados. Todos tivemos de ocupar um lugar no desejo e no imaginário de quem nos acolheu quando deu a nossa chegada ao mundo.... Nesse sentido, a história de cada um começa muito antes do nascimento (Xerfan, 2016, p. 9).

Para o filho adotivo constituir sua identidade, ele precisa que sua família adotiva legitime seu lugar na cadeia geracional e, para isso, é necessário legitimar sua história (Peiter, 2011; Rotenberg, 2011; SILVA, 2011; Souza & Casanova, 2011). Para legitimar a história é importante atrelar narrativas fiéis à origem da criança e as narrativas da espera da criança no seio adotivo. Este recurso pode trazer fotos da sua infância, disponibilizadas pela instituição de acolhimento ou por familiares biológicos que acompanham o caso no jurídico. A família adotiva pode ainda registrar em um diário de documentos, visitas da equipe técnica de adoção e cursos preparatórios até a chegada do filho esperado, sem elaboração de histórias duvidosas ou que venham diminuir a importância da origem da criança. Para legitimar o lugar desta criança é preciso compreender sua história e valorizá-la.

Ao conversar com crianças institucionalizadas é comum elas relatarem suas dores, angústias e dúvidas sobre suas origens e principalmente sobre o genitor. Outras crianças e adolescentes não compreendem as histórias de suas famílias e chegam à instituição com uma narrativa fragmentada de fatos importantes para sua constituição enquanto sujeito.

Em roda de conversa com as crianças institucionalizadas, algumas expressam o desejo de “viverem em família” e outras apresentam até o modelo: “quero ser feliz com um pai, mãe e irmãos”, mas por parte de alguns, existe um silêncio na roda e essas crianças estão angustiadas com perguntas que verbalizam no atendimento individual: “Você sabe da minha mãe?” “Quem é meu pai?” “Toda criança mama no peito da mãe?” “Eu mamei?” “Meu pai me ama?” Após refletir sobre os questionamentos das crianças e todos os “não-ditos”, que ainda entrelaçam histórias de famílias, trazendo à luz do mito de Édipo, fica a pergunta: Por desconhecer a verdade Édipo encontra a tragédia, logo, a verdade o salvaria do final trágico?

#### **5.4 A MITOLOGIA DA FELICIDADE TENDO A FAMÍLIA COMO BASE**

Para introduzir o tema "A mítica da Felicidade" se faz pertinente a compreensão da palavra mitologia: a palavra mito possui sua origem no termo grego *mythos* que significa "narrativa". Assim, a mitologia pode ser compreendida como um conhecimento oral que visa explicar o mundo. E a palavra felicidade: sensação real de satisfação plena; estado de contentamento, de satisfação.

Freud (1930/2023) afirma que “O que em sentido estrito se chama “felicidade” corresponde à satisfação mais repentina de necessidades retidas com alto grau de êxtase e, por sua própria natureza, somente é possível como um fenômeno episódico”. A mitologia da felicidade, portanto, pode ser entendida como um conjunto de narrativas e crenças que buscam explicar o que é a felicidade e como alcançá-la. Essas narrativas podem variar de acordo com a cultura e a época em que surgem, mas geralmente envolvem a ideia de que a felicidade é um estado a ser alcançado e que existem caminhos específicos para chegar a ela.

"Por que ser feliz é tão difícil para os seres humanos?" A busca pela felicidade é uma jornada complexa para os seres humanos. Freud, (1930/2023, p. 320), explora o conceito de felicidade, revelando que sua origem está enraizada na incessante busca pelo prazer e na evitação do desprazer. As pessoas muitas vezes definem sua felicidade com base em critérios como poder, sucesso e realização, negligenciando os verdadeiros valores da vida. No entanto, Freud argumenta que o propósito da vida e o princípio do prazer nem sempre estão alinhados, pois as normas que governam o universo frequentemente são contrárias aos desejos humanos. Isso gera um conflito constante entre a busca da felicidade e as realidades do mundo.

Portanto, a ideia de atingir um estado de felicidade plena se torna ilusória, já que cada indivíduo é único em suas necessidades e capacidades para experimentar a felicidade. Freud sugere que a felicidade é fugaz e momentânea, influenciada pela realização de desejos e impulsos inconscientes, mas também sujeita a conflitos internos e obstáculos externos que podem dificultar sua busca a longo prazo.

Em resumo, a visão de Freud sobre a felicidade nos lembra que é uma jornada pessoal, moldada por impulsos inconscientes, conflitos internos e desafios externos, e que a verdadeira felicidade pode ser encontrada ao reconhecer nossos próprios valores e desejos únicos.

Dentro do tratado em outros tópicos se faz necessário pensar na família adotiva em suas expectativas em felicidade plena, tanto nessa recolocação em família substitutiva, quanto em uma transformação em um reencontro com a família biológica. O romance familiar retrata a dinâmica em que a família adotiva idealiza a construção de uma família plena diante da criança adotada. Por sua vez, a criança adotada idealiza um contexto familiar completo, buscando preencher a ausência da parentalidade biológica com a felicidade desse encontro com os pais adotivos. No entanto, muitas vezes essa busca pela felicidade plena baseada na mítica da mesa criada pela sociedade pode ser difícil de alcançar para ambas as partes.

No que diz respeito ao que seria uma situação de adoção plena, uma dupla rede de referência parental é convocada: de um lado, os pais de nascimento; do outro, os adotivos. Temos então uma configuração plural que atualiza, para os casais adotantes, o romance familiar narcísico. Vale lembrar que Freud descreveu o romance familiar narcísico como esta fantasia pré-consciente construída pela criança quando ela descobre que seus pais não estariam à altura de suas expectativas e idealizações. Uma fantasia comum seria a de pensar em si como sendo um filho adotado. A construção do romance familiar permitiria aplacar um pouco da decepção face à frustração imposta pelos pais reais. Tal aplacamento se utilizaria da fantasia infantil onde a satisfação e a potência dos desejos é total (Combier, Birkowski, 2017).

No entanto, é importante considerar as experiências e cuidados anteriores à adoção que impactam por toda a vida do sujeito, desse modo as novas famílias se veem com novos desafios e responsabilidades, deparando-se com a angústia e frustração em relação ao processo. É interessante entender que as dificuldades no processo de veiculação familiar estão presentes não apenas em famílias substitutivas, mas também em famílias biológicas. Contudo, a intensidade e o contexto dessas dificuldades podem ser diferentes. A compreensão da complexidade e da variedade de experiências vividas por indivíduos adotados é crucial para promover um ambiente familiar saudável e acolhedor. Vejamos alguns exemplos a partir de fragmentos clínicos.

Durante a pandemia, uma terapeuta infantil que também atua como voluntária em um grupo de aspirantes à adoção, estava acompanhando dois casos de parentalidade distintos: o Caso 1 envolve uma família adotiva, enquanto o Caso 2 diz respeito a uma família biológica. Embora essas histórias sejam reais, os nomes foram alterados para garantir a privacidade dos envolvidos. O objetivo desta parte do trabalho é explorar a idealização que as famílias têm em relação aos filhos, independentemente da forma como os arranjos familiares se apresentam.

**1º caso:** Uma adoção que estava no estágio de convivência, realizada de forma legal e que preenchia todos os pré-requisitos e trâmites exigidos pela vara da infância. Chamado pela educadora de: “Família Perfeita”, uma mulher que sonhava em ser mãe de uma princesa e uma miniatura dela, oferecendo as melhores roupas, sapatos, acessórios, escola e com uma fala: “*estou dando à minha menina tudo que eu não recebi de meus pais, mas ela é ingrata, não percebe o valor das coisas*”. A menina foi tirada das ruas, onde aprendeu a realizar pequenos furtos para sobreviver, mas este comportamento foi omitido pela instituição

que realizou o estágio de convivência, quando a mãe adotiva percebeu tal conduta entre outras como mentir, dificuldades com higiene pessoal, atrasos cognitivos e um vocabulário carregado de xingamentos e gírias, ligou pedindo ajuda para devolver a criança, a equipe tentou ajudar e explicar que ofereceria intervenção no processo de convivência, mas a mãe disse: *“não quero tentar mais, eu me iludir muito, sonhei com este momento, pensei em uma garota toda princesa, eu sou assim, vaidosa e gosto de tudo bem organizado”*. Neste instante começou a mostrar os cômodos da casa e como tudo era bem estruturado entre espaços e cores. Ela relatou que a menina era insaciável e a menina dizia que a mãe nunca estava contente e que era muito exigente, por isso começou a fazer coisas escondidas como tirar alimentos dos armários durante a noite e mentir, porque se falasse a verdade sobre a vontade de comer muito e de misturar várias guloseimas a mãe ficaria triste com ela, *“porque a minha mãe gosta de tudo na hora certa”*. A profissional voluntária do grupo de apoio à adoção após alguns dias, recebeu uma mensagem da mãe que dizia: *“Infelizmente não foi possível continuar com o processo, a criança não tinha um perfil adequado à nossa família, somos pessoas honestas, não aceitamos mentiras e agimos de forma apropriada aos ambientes que frequentamos, sonhei com uma menina que completasse a nossa felicidade, mas nada é perfeito”* (autoria própria, 2024).

**2º caso:** A mesma terapeuta estava passando por uma situação semelhante com pais biológicos que não aceitavam as condições cognitivas do filho mais velho, ao ponto de chorarem, questionarem e culparem a escola pelo baixo desenvolvimento da criança. A mãe expressava repetidamente suas expectativas e frustrações em relação ao filho durante a conversa:

*“eu planejei esta criança, eu sonhei, eu elaborei outra história e agora só fico presenciando os filhos das minhas amigas desenvolvendo e o meu assim, não aceito ser julgada por isso, eu amo meu filho, ele é tudo para mim, mas não aceito isso, não aguento mais, vou procurar os melhores profissionais, porque eu quero a cura do meu filho, eu tenho o direito de ser feliz”* (autoria própria, 2024).

Portanto, há uma necessidade de reconhecer essas frustrações e trabalhar a partir delas, buscando compreender que a plena felicidade não é uma garantia em nenhuma relação familiar, seja ela biológica ou adotiva. Além disso, é fundamental reformular as expectativas e idealizações em relação à família, reconhecendo que a felicidade e a plenitude são construções individuais e que cada pessoa tem suas próprias lutas e desafios a enfrentar.

No entanto, pensando em toda essa complexidade que envolve família em especial família adotiva sendo um novo formato para sociedade contemporânea é importante entender e desconstruir esse mito em relação a família e a plena felicidade.

Na perspectiva freudiana, a família exerce uma influência profunda na construção individual do sujeito. A construção familiar e felicidade está intrinsecamente ligada aos desejos e conflitos inconscientes que surgem na dinâmica familiar. A capacidade de lidar com os conflitos e desejos inconscientes, construir laços afetivos saudáveis e desenvolver uma identidade própria são aspectos fundamentais para a realização pessoal e a busca pela felicidade, independentemente do tipo de família em que esteja inserido (FREUD, 1908/2008).

Portanto, a mítica que a constituição familiar carrega em relação à plena felicidade e à completude familiar é complexa. Diante do tratado neste artigo, analisa-se que esta expectativa de felicidade plena que os adotantes e adotados esperam obter não pode ser depositada apenas na constituição familiar e no contexto em que estão sendo inseridos. A constituição familiar é, sim, importante, mas não é garantia da completude individual" (Freud, 1930/2023)

## 6. CONCLUSÃO

Ao pensar em novas formas de parentalidade: o mal-estar do abandono e o amparo na adoção, foi imprescindível uma compreensão sobre a família na visão psicanalítica e a felicidade direcionada a ela pela sociedade. Além disso, foi necessário compreender sobre os impactos da família no processo de desenvolvimento do indivíduo, para possibilitar a articulação desta etapa tão importante, com o conceito de mal-estar desenvolvido por Freud que acompanha o ser humano adulto.

A procura pela plena felicidade é uma realidade que acompanha a humanidade. Para Freud, essa busca é o que mantém o ser humano em movimento e, conseqüentemente, em aperfeiçoamento. Logo, o ser humano sempre apresentará o sentimento de falta e incompletude. O mal-estar surge quando, em busca de suprir esse sentimento, cria-se um ideal, por exemplo, o ideal de que será plenamente feliz ao constituir uma família. Ao deparar-se com o fato de que a constituição da família não trouxe a felicidade plena, e que surgiram novos ideais, o indivíduo pode se frustrar e experimentar a infelicidade" (FREUD, 1930/2023).

Os resultados da pesquisa indicaram que a família possui significativa importância para o ser humano. É por meio dela que o indivíduo sobrevive, conhece o mundo exterior, estrutura sua saúde mental e desenvolve sua personalidade. Contudo, o fato de possuir uma família não garante ao sujeito a plena felicidade, uma vez que conforme teorizado por Freud, o *mal-estar* é inerente ao ser humano em virtude do controle das pulsões.

Uma vez que essa elaboração não é acessada, ser sujeito diante da incompletude, atribui a responsabilidade a fatores externos. pessoas que cresceram com a ausência do pai genitor podem atribuir a este fato a sua infelicidade; já crianças adotadas podem atribuir ao processo de adoção este "*mal-estar*".

Contudo, apesar dos impactos e das particularidades que a adoção pode causar, ela é extremamente importante, pois os pais adotivos serão responsáveis por darem continuidade ao processo de desenvolvimento da criança e/ou adolescente, exercendo o que Winnicott chamou de ambiente facilitador.

Desse modo, conclui-se que a família pode ser vista como a responsável pelo mal-estar na contemporaneidade, e que as famílias adotivas podem apresentar maior predominância desse discurso em virtude do impacto que a adoção pode gerar. Contudo, está atribuição é inadequada, e uma vez elaborada, pode trazer autorresponsabilidade para o indivíduo, para que ele retome o seu processo de desenvolvimento em busca da independência emocional e da saúde mental.

## 7. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. V. O. Pai, mãe e filho: reflexões sobre família e educação na modernidade. **Estilos clínicos**, São Paulo, v. 7, n. 12, p. 123-134, 2002.

ARAÚJO, Felipe. Édipo Rei. **InfoEscola**, 2024. Disponível em: <https://www.infoescola.com/teatro/edipo-rei/>. Acesso em: 11 mar. 2025.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria 336 de 2002**. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336>. Acesso em: 03 nov. 2023.

BRAUNSTEIN, Néstor A.; FUKS, Betty B. (orgs.). **100 anos de novidade: A moral sexual "cultural" e o nervosismo moderno, de Sigmund Freud (1908-2008)**. Rio de Janeiro: Contra Capa Editora, 2011. 200 p.

COMBIER, Claudine; BRINKOWSKI, Gabriel. Adoção e mito: os destinos do "mito familiar" na cena da família contemporânea. Estudo a partir de um caso clínico de adoção na França atual. **Ágora (Rio J.)**, jan.-abr. 2017.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Estatísticas da adoção e do acolhimento no Brasil – SNA**. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/estatisticas-da-adocao-e-do-acolhimento-no-brasil-sna/>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 10 mar. 2024.

FILHO, José Martins. **A criança terceirizada: os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneo**. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

FOLBERG, Maria N.; RECK, Noeli M. Declínio da função paterna e dialética da simbolização. **Estilos clínicos**, São Paulo, v. 7, n. 13, 2002.

FREUD, S. (1886-1939/1991). **Obras Completas** (J.L. Etcheverry, Trad). XXIV vols. Buenos Aires: Amorrortu. Texto: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929).

FREUD, S. (1996). **Romances familiares** (Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1909).

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura e outros escritos**. Edição de 2023 [conteúdo com textos de 1930 e outros anos]. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia** (1917 [1915]). In: FREUD, Sigmund. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916).

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo** (1914). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

GARCIA, R. **A tendência anti-social em D. W. Winnicott**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

FUNDAÇÃO GERAÇÃO AMANHÃ. **Dados do acolhimento e da adoção**. Disponível em: <https://geracaoamanha.org.br/dados-do-acolhimento-e-da-adocao/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

GRANJON, E. **A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica**. In: CORREA, O. R. (Org.). *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 17-43.

IACONELLI, Vera. Dossiê | Parentalidade e Vulnerabilidades. **Revista Cult**, 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/dossie-parentalidade-e-vulnerabilidades/>. Acesso em: 20 dez. 2023.

LEAL, M. L. S. **Preocupação materna primária: um conceito de D. W. Winnicott**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

LEBOVICI, S. **Le nourrisson, la mère et le psychanalyste**. Paris: Le Centurion, 1983.

LEVINZON, G.K. **Adoção**. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MACHADO, Rebeca; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; MAGALHÃES, André; MELLO, André. O mito de origem em famílias adotivas. **Revista USP**, v. 30, maio 2017.

OLIVEIRA, Patricia; SOUTO, Jailma; JÚNIOR, Edivan. A adoção e Psicanálise: a Escuta do Desejo de Filiação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, out.-dez. 2017, v. 37, n. 4, p. 909-922.

OLIVEIRA, E.B.S. de; SOMMERMAN, R.D.G. A família hospitalizada. In: ROMANO, B. W. (Org.). **Manual de psicologia clínica para hospitais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

PEITER, C. **Adoção: vínculos e rupturas**: do abrigo à família adotiva. São Paulo, 2011.

RODRIGUEZ, Babarro Nere. **Tipos de família**: modelos e características. Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/tipos-de-familia-modelos-e-caracteristicas-556.html>. Acesso em: 13 jan. 2024.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

RUDGE, Ana Maria. Prof<sup>ª</sup>. Maria Inês Reinhoefer Ferreira França. **Até que ponto o narcisismo pode ser datado? Uma reflexão à luz das contribuições de Piera Aulagnier**. Tese de Doutorado – PUC-Rio, 2008.

SOUZA, H. P. de; CASANOVA, R. P. de S. **Adoção**: o amor faz o mundo girar mais rápido. Curitiba, PR: Juruá, 2011.

WINNICOTT, Donald W.; SAFRA, Gilberto (Org.). **O brincar e a realidade**. Edição de 2020 [conteúdo com textos de 1971, 1953, 1947 e outros anos]. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WINNICOTT, Donald W.; SAFRA, Gilberto (Org.). **Bebês e suas mães**. Edição de 2020 [conteúdo com textos de 1964, 1957, 1949 e outros anos]. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

XERFAN, Cruz Claudia. **A gente só é bonito quando a mãe da gente acha: psicanálise e adoção**. Curitiba, PR: Appris Editora, 2016.